

É um facto relevante que a liturgia cristã nasça, por assim dizer, “em casa”, numa atmosfera familiar, íntima e afetiva. Apesar de continuarem a frequentar o templo e a sinagoga, os discípulos reencontram-se no contexto hospitaleiro de uma casa e da família que a habita: é na casa de Maria, mãe de João, de sobrenome Marcos, que se recolheram em oração quando aí chega, de noite, Pedro, milagrosamente libertado do cárcere (cf. Atos 12,12): entre as paredes de uma casa amiga, onde a vida é mais íntima e livre, criativa e geradora.

A primeira estrutura da comunidade de que temos memória é a assembleia em casa, ou “igreja doméstica”, que no mundo romano assumirá o nome de “domus ecclesiae”, literalmente “casa da comunidade”. Esta experiência dos séculos incandescentes prolongar-se-á até envolver com a memória dos primeiros tempos as catedrais e os edifícios de culto, que tomarão de “domus” o nome de “duomo”, e de “ecclesiae” o nome de “igreja”, na origem não edifício, mas assembleia. A primeira catedral não é aquela solene e monumental das cidades, mas é e permanece doméstica e familiar. E o primeiro altar do mundo é a mesa de casa. Durante os três primeiros séculos foram escolhidos edifícios bem mimetizados no tecido urbano, e na maior parte dos casos de dimensões modestas.

Casas que do exterior pareciam habitações particulares normais, enquanto no interior compreendiam locais destinados ao Batismo, à Eucaristia, à preparação daqueles que iniciavam o caminho da fé.

Não se tratou, todavia, só de uma necessidade ou de um acaso. Na experiência cristã mais autêntica, Deus é de casa. Fez-se homem, opta por habitar fora das paredes do templo, entra e habita na casa dos homens, almoça e ceia com eles, partilha com os homens os espaços da quotidianidade. Vela quando eles dormem, está com as crianças quando brincam, acompanha os gestos e ofícios de cada dia, o trabalho, o estudo, os barulhos e os odores da cozinha.

Só um Deus que se fez homem pode escolher habitar fora das paredes do templo, na mesma casa do homem, na “profana” morada dos mortais. E será assim para sempre, porque está na natureza própria do cristianismo.

Por vezes, surpreende-me um sonho: que belo seria se voltassem as “domus ecclesiae”! Se voltassem em cada bairro, em cada avenida, em cada condomínio as igrejas domésticas e familiares, íntimas e quentes, onde os amigos se encontram para escutar a Palavra, interceder pelo mundo, partir o pão em memória dele. A primeira comunidade cristã radicou-se na quotidianidade expressiva da casa.

Dali pode repartir. Porque ali, onde a vida celebra a sua liturgia, respira o Senhor da vida.

Berna, 23.08.2020 Domingo XXI do Tempo Comúm: Ev. Mt 16, 13-20



A IGREJA DOMÉSTICA

“MODELO DE ORAÇÃO PRESENTE EM NOSSA IGREJA”

“Quem dizem os homens que é o Filho do homem Mt 16, 13-20?”

Na Igreja, temos um tesouro escondido: **a família**. O Senhor sempre acompanhou todas as crises de seu povo com mensagens extraordinárias e parece fazê-lo mesmo diante desta pandemia, que força todos nós a nos retirarmos forçosamente para nossas casas. As celebrações estão suspensas, muitas igrejas estão fechadas e é arriscado aproximar-se. Muitas medidas de proteção e segurança! Máscara para cobrir a boca, luvas, gel desinfetante, lavado das mãos em todo momento, distância obrigatória! Tudo isso tem consequências serias na nossa vida familiar e social. **Porém no “espaço” da vida espiritual como podemos “lidar” como essa pandemia? Quais são os nossos instrumentos ou medidas de “proteção e segurança” para “sustentar a nossa fé”? existem mesmo esses instrumentos? Ajuda-nos mesmos a continuar participar na Igreja? A fé é importante para superar este momento de pandemia? Como agir neste difícil momento de nossa vida?**

Sentimo-nos sozinhos, isolados e é precisamente nesse isolamento que o Espírito nos sugere redescobrir o sacramento do matrimônio, em virtude do qual nossos lares, devido à presença constante de Cristo no relacionamento consagrado dos cônjuges, são uma **pequena Igreja doméstica**.

O Senhor sempre acompanhou todas as crises de seu povo com mensagens extraordinárias e parece fazê-lo mesmo diante desta pandemia, que força todos nós a nos retirarmos forçosamente para nossas casas. As celebrações estão suspensas, muitas igrejas estão fechadas e é arriscado aproximar-se.

De fato, nas casas, os cônjuges garantem a presença de Jesus vinte e quatro horas por dia. Uma verdade que o Papa Francisco sublinha em *Amoris Laetitia* no n. 67: «Cristo Senhor, **“vem ao encontro dos esposos cristãos no sacramento do matrimônio” e permanece com eles**». Jesus não vai embora, mas permanece com os cônjuges e está presente em seu lar, não apenas quando estão reunidos e orando, mas a todo instante.

Em virtude dessa realidade, podemos usar esse tempo particular como o tempo em que toda família cristã poderá redescobrir aquilo que é: manifestação genuína do mistério, que é **a Igreja como corpo de Cristo**. De fato, os cônjuges «edificam o Corpo de Cristo e constituem uma Igreja doméstica» (*Amoris Laetitia* 67). Cada família é uma parte essencial deste corpo, que é construído a partir de pequenos gestos diários, onde Jesus está permanentemente presente.

Um tempo de treinamento (A pandemia-coronavirus-19)

É um *tempo de treinamento*, este que Senhor está nos oferecendo, na espera de que se derrote esse mal. Um tempo em que, **ficando juntos em nossas casas**, somos chamados a realizar contínuos exercícios de caridade. Quantas vezes por dia nessas horas o Senhor nos dá a oportunidade de olhar para nossos filhos com ternura, com paciência amorosa o nosso cônjuge; de moderar o tom da voz, mesmo se à nossa volta reina uma desordem inesperada, de educar os nossos filhos para o bom uso desse tempo dilatado em casa, que parece não passar nunca; de educá-los para um diálogo feito de escuta dedicada ao outro, de calma interior, de respeito, mesmo que o outro seja diferente de como eu gostaria que fosse?

Este é um tempo de crescimento para cada um de nós, no qual devemos aprender a marcar o ritmo dos dias, não mais controlado pelo trabalho agitado e por uma gestão familiar dominada pelo “fazer”. Horas dadas à nossa capacidade de deixar espaço para o outro dentro das paredes estreitas de nossas casas.

Quão importante é, nesta nova dimensão em que somos lançados, que marido e mulher saibam se olhar nos olhos e conversar um com o outro, planejando as horas do dia juntos, cientes de que dentro das paredes da casa há uma presença bonita que brota de seu relacionamento: Jesus. Porque este não é apenas um tempo de treinamento humano, mas também espiritual.

É um tempo de pré-evangelização, nas casas e por meio das casas, como no tempo das primeiras comunidades cristãs, durante o qual o Senhor nos convida a nos reunirmos como famílias, a orarmos juntos, em torno de uma vela acesa, para nos lembrar que existe Alguém que nos mantém juntos e que, nessa situação de perplexidade, nos ama. Um tempo que nos permitirá, depois, voltar a celebrar nas igrejas, mais conscientes e mais fortes da presença de Jesus em nossas vidas cotidianas.

A solene liturgia doméstica-caseira

Esforcemo-nos, portanto, por aceitar o convite que o Senhor nos dirige em nossos lares: vamos nos reunir, em família, no domingo, para celebrar de uma maneira mais solene aquela *liturgia doméstica* que geralmente, em virtude da presença de Jesus, é realizado através de gestos entre os cônjuges (“os gestos de amor vividos na história dum casal de esposos transformam-se numa «continuidade ininterrupta da linguagem litúrgica» e «a vida conjugal torna-se de algum modo liturgia».”- *Amoris Laetitia* 215).

Como fazer isso? isso é muito simples: todos podemos nos reunir em uma sala, recitar um salmo de louvor, pedir perdão um ao outro com uma palavra ou gesto entre cônjuges e entre pais e filhos, ler o Evangelho do domingo, expressar um pensamento sobre o que a Palavra desperta em cada um, formular uma oração pelas necessidades da família, daqueles que amamos, da Igreja e do mundo. E, finalmente, confiar aos cuidados de Maria a nossa família e cada família que conhecemos.

Todas as famílias podem fazer isso, porque Jesus disse: «onde dois ou três estão reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» Mt 18,20. *E por que não tentar fazer comunidade, rezando no domingo com mais famílias? Será mesmo muito difícil vir para Igreja? Será mesmo o local da Igreja onde o “bicho=virus” majormente se encontra? Na discoteca, bares, cines, restaurantes, comboios, buses, parques mecânicos será que o tal “bicho não está presente? Será mesmo que este bicho gosta só de ficar na Igreja? Parece ser que quando fala-se da Religião=Igreja algumas pessoas reagem mesmo com muita “intolerância” e até com agressividade achando que os sacerdotes e a Igreja os “obriga” a participar em maneira arbitrária. Porém não é bem assim! Como cristãos e como pais-padrinhos-madrinhas durante o sacramento do batismo ou do matrimônio foram todos “interrogados” a responder livremente se aceitam educar aos seus filhos/filhas conforme a Religião da Igreja e todos responderam SIM! Até pronunciaram as RENUNCIAS E PROFISSÃO DE FÉ...! Sim, renuncio...sim, creio... Agora é o momento de perguntar-nos; onde está esse compromisso?*

Lembre-mo-nos de que os cônjuges os “pais” são o sinal do mistério pascal que é celebrado em toda eucaristia («Os esposos são, portanto, para a Igreja uma lembrança permanente daquilo que aconteceu na cruz», *Amoris Laetitia*, 72); são profecias, um anúncio incorporado na vida cotidiana feita de pequenos gestos, que expressam a entrega de si mesmos, como fez Jesus. Vamos aproveitar esse momento um tanto diferente para acolher e viver o Espírito em nossos lares e redescobrir a riqueza e o dom de nossas igrejas domésticas juntos com Jesus, que mora conosco.

“Ide à cidade e virá ao vosso encontro um homem trazendo um cântaro de água. Segui-o, e, onde ele entrar, dizei ao dono da casa: O Mestre manda dizer: ‘Onde está a sala em que hei-de comer a Páscoa com os meus discípulos?’ Há-de mostrar-vos uma grande sala no andar de cima, mobilada e toda pronta. Fazei aí os preparativos”» (Marcos 14,13-15)

Será a última casa em que Jesus entra livremente. O último espaço acolhedor é esta habitação de um amigo, provavelmente rico, uma casa de dois pisos, bem arranjada, com espaço suficiente para Jesus e o grupo – não pequeno – daqueles que o tinham seguido desde a Galileia: os discípulos e muitas mulheres «que tinham subido com Ele a Jerusalém» (Marcos 15,41).

Aqui celebra a última ceia com os amigos, a primeira de muitas, incontáveis outras ceias. Sem hesitações, os primeiros cristãos fazem suas também as opções práticas de Jesus e escolhem o espaço acolhedor e quente de uma casa para se reunirem para partirem o pão em sua memória, e para escutarem os apóstolos.